

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE BACHARELADO EM FILOSOFIA**

Valmor Valente

**A INFLUÊNCIA QUE A TESE DO “EU” DE DESCARTES TEVE
SOBRE O HOMEM MODERNO**

Porto Alegre

2014

VALMOR VALENTE

**A INFLUÊNCIA QUE A TESE DO “EU” DE DESCARTES TEVE
SOBRE O HOMEM MODERNO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
à obtenção do grau de Bacharel em
Filosofia, pela Faculdade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Inara
Zanuzzi

PORTO ALEGRE

2014

VALMOR VALENTE

**A INFLUÊNCIA QUE A TESE DO “EU” DE DESCARTES TEVE
SOBRE O PENSAMENTO DO HOMEM MODERNO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
à obtenção do grau de Bacharel em
Filosofia, pela Faculdade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Inara
Zanuzzi

_____ Porto Alegre, de Dezembro de 2014

Prof^a. Dr^a. Lia Levy

UFRGS

Prof. Dr. Gerson Luiz Louzada

UFRGS

Prof. Dr. André Nilo Klaudat

Orientador - UFRGS

Dedico este trabalho a todos aqueles que de um modo ou de outro, permitiram ou contribuíram para que eu pudesse enfrentar e vencer mais um desafio na minha caminhada cognitiva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade que me concedeu em alcançar mais um degrau dentro da caminhada evolutiva;

Aos familiares que com amor e carinho, souberam entender a minha ausência do lar (absorto na leitura);

Aos senhores professores que, agora fazem parte da minha família intelectual, souberam transmitir com dedicação, afeição, e responsabilidade os saberes adquiridos;

Aos colegas de aula ou de Faculdade, que me oportunizaram momentos agradáveis no Campus desta Universidade;

À adorada Georgina, esposa, ou por que não, a eterna namorada, que com paciência ou impaciência às vezes perguntava: Valmor, já terminou o trabalho da Faculdade?

Enfim, a todos que diretamente ou indiretamente, souberam com paciência suportar o meu desligamento da vida social em virtude da absorção da Filosofia.

E por ultimo a dedicada professora Inara Zanuzzi, que não mediu esforços para me orientar neste trabalho, conduzindo-me com dedicação e sabedoria o que me possibilitou chegar ao final deste curso com o aproveitamento desejado. A Senhora professora o meu muito obrigado.

“Uma razão porque a matemática goza de especial estima sobre as demais ciências, é que suas leis são absolutamente certas e indiscutíveis, enquanto que as das outras são até certo ponto, debatíveis de ser derrotadas por fatos recém descobertos.”

Albert Einstein

RESUMO

René Descartes na intenção de encontrar no mundo certezas de suas crenças apresenta um projeto dividido em seis Meditações que possam levar a ciência a ter verdades que não possam ser contestadas. Nesta procura, na segunda Meditação, ele descobre o ser da sua existência o “eu”, espírito, ou intelecto, uma coisa que por si só consegue racionalizar sem ter a necessidade de se ocupar com as coisas corpóreas. O “eu” apresentado por Descartes, um ser inteligente, com características próprias, com capacidades cognitivas capaz de realizar suas operações inteligíveis mentais sem ter a influencia das coisas materiais. Este novo olhar que se tem sobre o “eu”, ou espírito, agora apresentado como sendo o ser inteligente, o intelecto, responsável por seus próprios atos e ações, vêm a ser a inovação de Descartes, chamando a atenção de todos aqueles interessados nos saberes da época.

Palavras Chaves: Descartes. “eu”. Espírito. Intelecto.

ABSTRACT

René Descartes, with the intention to find in the world the certainty of his beliefs, presents a project divided into six Meditations that may lead science to obtain truths that cannot be contested. In this search, on the second Meditation, he discovers the being of his existence, the spirit “self”, or intellect, a thing that by itself can rationalize without having the need to be occupied with corporeal things. The “self” presented by Descartes show us an intelligent being, with its own characteristics, with the cognitive capacity to accomplish its mental operations. This new look upon the “self”, or spirit, now presented as the intelligent being, the intellect, responsible for its own acts and actions, is the innovation of Descartes, bringing attention to all those interested in the knowledge of the time.

Key-words: Descartes. “self”. Spirit. Intellect.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. A DESCOBERTA DO “EU”.....	11
3. O CONHECIMENTO DO “EU”.....	14
4. A NATUREZA IMATERIAL DO “EU”.....	17
5. DO INTELECTO.....	21
5.1. O pedaço de cera.....	25
6. AS FACULDADES DO “EU”.....	31
7. A INFLUÊNCIA SOBRE O HOMEM MODERNO	35
8. CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

.O objetivo deste trabalho é dar subsídios suficientes para que o leitor venha a se interessar em saber a teoria do “eu”, apresentada por René descartes, na Segunda Meditação. Mostrar ao leitor a importância que se tem em obter o possível conhecimento da sua essência, proporcionando-lhe melhores condições para o entendimento da existência do “eu”, alma ou espírito, isto é, ter uma melhor compreensão de si próprio, e assim conhecer o ser, “espírito”, não o espírito teológico, mas sim uma coisa pensante, um intelecto, uma razão, um entendimento, e desta forma poder avaliar-se, e ter um melhor entendimento do ser humano. “Eu sou, eu existo”, uma frase na qual toda humanidade se questiona, mas as análises diante desta proposição, ainda permanecem incompreendidas. Porém, no transcurso da nossa existência, cedo ou tarde, de um modo ou de outro, vemo-nos obrigados a fazer esta pergunta: *que sou eu?*

As idéias apresentadas por Descartes referentes ao “eu”, espírito, ou alma na Segunda Meditação causam uma tensão no início do século XVII, pois, até o presente período então o espírito ou alma, o “eu” tinham uma conotação teológica, e agora com uma nova idéia estabelece um novo sentido.

No Século XIII a Igreja católica já estava consolidada no seio da Europa, um terço do solo europeu já estava sob o domínio das crenças desta organização religiosa; seus dogmas eram considerados definidos e definitivos, os ensinamentos de fé e razão eram baseados dentro deste sistema e era desta forma que a filosofia escolástica se aplicava sem haver contestação sobre conclusões pré-ordenadas.

Entretanto nos meados dos séculos XVI e XVII a Idade Média começou a entrar em declínio, as verdades existentes, verdades reveladas, começaram a serem questionadas, já não causavam tanta influência nas ciências. A incerteza naquilo que era dito, o crescimento do ceticismo e da ciência estavam superando o pensamento religioso, principalmente os pensamentos dos filósofos que tinham suas idéias reguladas pelo clero.

Neste período entre os pensadores se destaca René Descartes que almejava uma ciência evidente que o convencesse aos olhos da razão, ciência incontestável, dando a essa revelação, “eu”, distinção e clareza.

A vida do ser humano, ou seja, a vida do homem que era regulado pelas crenças religiosas baseadas em revelações divinas, agora toma um novo rumo, valoriza-se a liberdade considerando o indivíduo como o centro da Criação, atribuindo a ele uma dignidade natural, inerente à sua própria natureza enquanto ser humano, contrariando as crenças medievais.

De acordo com a teoria de Descartes, a mente é de natureza imaterial, ou seja, não tem forma, peso ou medida, porém, é provida de capacidade de pensamentos e de outros processos cognitivos (cognição - capacidade de adquirir um conhecimento).

Entre as novas idéias que estavam sendo colocadas em dúvida, a constituição do homem como ser criado por Deus, composto de corpo e alma era um dos alvos mais visados. O conceito de corpo era mais claro para todos, mas a idéia da alma como um ser espiritual, revelado pelo Ser divino, não estava muito explicada. As explicações da igreja já não surtiam o efeito desejado sobre os estudiosos da área humana, já não convenciam aqueles que buscavam uma resposta mais clara para a orientação do espírito. Filósofos e pensadores buscavam respostas mais consistentes em relação a constituição da alma; as interpretações da tradição, que mantinham o domínio da revelação divina, impondo ordens e disciplinas para a conduta dos homens, já não eram suficientes para convencer a ciência. A composição corpo/alma era uma questão bastante duvidosa, tinha o conhecimento de todos, mas René Descartes, um dos revolucionários mais importantes da época, introduz uma nova estrutura na formação do homem, inferindo na constituição corpo/alma duas substâncias completamente distintas, que chamou a atenção, praticamente de todos os filósofos de seu tempo.

Sua teoria não tinha como objetivo refutar as tradições da época, e tão pouco menosprezar as idéias anteriores, como as de Tomás de Aquino

e de Santo Agostinho, mas sim apenas apresentar uma nova forma de identificar e tratar aquilo que já era do conhecimento da maioria. Esse trabalho tem como objetivo traçar o percurso argumentativo de Descartes na Segunda Meditação, e revelar as características inovadoras do seu pensamento, e como o estudo da obra de Tomás de Aquino seria excessivo para as ambições desse estudo, o artigo “Conhecimento do Intelecto: argumento do cogito, mesma cera e homens verdadeiros”, publicado na revista o Discurso nº 38 de 2008, de Ethel Rocha será utilizado como um guia para este fim, o de distinguir a teoria de Descartes e a de Tomás sobre o intelecto.

2. A DESCOBERTA DO “EU”

Com esse *título* “Da Natureza do Espírito Humano; e de como Ele é Mais Fácil de Conhecer do que o Corpo” Descartes apresenta na Segunda Meditação uma nova concepção para o entendimento do espírito. À procura de fatos que dessem à ciência uma razão sólida nas suas descobertas, Descartes faz uso do método partindo do mais complexo para o mais simples para obter um conhecimento certo e seguro. Através desta investigação, Descartes percebe que de tudo pode duvidar, mas não pode duvidar que esteja duvidando. Ora, se duvidar é pensar, então Descartes num ato reflexivo conclui: “... esta proposição, *eu sou, eu existo*, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito.” (Descartes, 1973, p.100) No seu trabalho de investigação daquilo que poderia ser falso ou verdadeiro, Descartes encontra a primeira verdade, “eu sou, eu existo” a descoberta de sua existência, do “eu”.

Com esta descoberta Descartes concede ao homem o determinar-se ser alguma coisa; quando pronuncia “eu sou” julga a si mesmo como sendo alguma coisa, algo capaz de refletir sobre si mesmo e conceber que seja existente, e conclui, “eu existo”. Assim, “eu sou, *eu existo*”, é o primeiro e mais certo conhecimento que aquele que executa a Meditação não pode duvidar.

Assim com o objetivo de esclarecer a natureza do espírito e como ele é mais fácil de conhecer que o corpo, Descartes descobre o “eu”, descobre a si mesmo, e dá um novo sentido ao conceito de espírito; algo que era visto como um ser revelado e divino, passa a ser agora um ser pensante com capacidades intelectuais, ou seja, Descartes, “... visa a algo mais grandioso: uma descrição da natureza da mente humana.” (Gombay, 2009, p. 57)

Em sua análise Descartes considera o “eu” como sendo uma substância que tem como essência o pensar, uma virtude que lhe fornece a capacidade do raciocínio intelectual. Portanto o meditador ao escrever a sua teoria, traz uma nova dimensão para o entendimento do espírito, tratando-o como um ser que tem um intelecto capaz de obter o conhecimento de si por sua própria conta. As idéias apresentadas ficam em oposição ao que era dito na tradição, isto é, para Tomás de Aquino, “A experiência sensível é condição para que, pelo processo de abstração, o intelecto apreenda o universal inteligível e, através do juízo, pela mediação do sensível, atribua o inteligível ao singular”, (Rocha, 2008, p.35), ou seja, o intelecto para conhecer a si mesmo e obter seus conhecimentos dependia da experiência sensível, enquanto para Descartes isso será diferente.

Ethel Rocha em sua análise sobre essas idéias vão nos dizer que ao tratar do conhecimento que tem de si e do conhecimento que tem de sua natureza, Descartes faz uso do argumento do cogito e do exemplo do pedaço de cera, para demonstrar que o intelecto independe dos dados dos sentidos para adquirir o conhecimento singular de sua própria existência e de sua própria natureza incorpórea, ao contrário da tese da tradição que nos diz que sem a experiência sensível não seria possível que o intelecto humano conhecesse a própria existência.

A proposta apresentada por René Descartes sobre o conhecimento do intelecto difere da proposta tomista que diz que os conhecimentos são obtidos através da percepção dos sentidos. Para Descartes, o intelecto é incorpóreo e pode realizar suas operações independentemente da

sensibilidade. Por isso, ele não precisa da operação da sensibilidade para conhecer a si mesmo. Ao sustentar esta tese, os argumentos usados por Descartes entram em conflito com as idéias da tradição, pois não encontra concordância de que o intelecto para adquirir seu conhecimento necessita entrar em contato com o sensível.

Para apresentar as suas idéias, Descartes concorda com algumas teses da tradição tais como: “1) que o conhecimento (singular) do eu é automático e indubitável...); 2) que a natureza do intelecto humano é imaterial, independente do corpo; e 3) que o conhecimento da natureza do intelecto se dá através do conhecimento de seus atos”. (Rocha, 2008, p. 38) Junta-se a essas idéias outras três idéias que contrariam as da tradição, isto é, “... o intelecto e alma são a mesma coisa...”, (Rocha, E., p. 39) “... substância completa e atual, a tradição diz que o intelecto é apenas potência e não a sua essência;” (Rocha, 2008, p.38) que o conhecimento dos atos do intelecto se dá independentemente de ter contato com as coisas sensíveis, (a tradição nos diz que o conhecimento dos atos do intelecto só acontece na dependência das coisas sensíveis); e que o conhecimento do intelecto é atualizado pelos seus atos em virtude da “... capacidade inata de agir – conceber a partir de certas noções e princípios básicos ...”, (Rocha, 2008, p. 39) contrário a ideia da tradição que diz que a atualização do intelecto se dá pelo ato de conhecer através do processo de abstração com o contato com as coisas sensíveis.

Com esse raciocínio Descartes discorre boa parte da Segunda Meditação procurando demonstrar que o intelecto não precisa das experiências sensíveis para obter os seus conhecimentos, contrariando dessa forma a ideia tomista de que o intelecto para ter conhecimento tanto de sua natureza quanto o conhecimento de sua existência necessita entrar em contato com as coisas sensíveis. Descartes dedica dois terços da Meditação para justificar a independência da alma ou do intelecto das intervenções dos dados sensíveis. Segundo ele, o intelecto para obter o conhecimento de sua própria natureza e de sua existência, o “eu”, não depende da percepção sensível. Para obter estes conhecimentos, da

natureza imaterial do “eu”, e de sua existência, Descartes, recusa a idéia da dependência dos sentidos, visto que o “eu”, ou seja, a alma é a mesma coisa que o intelecto, e este para realizar a sua operação essencial, isto é, a operação cognitiva, envolve dois atos: conceber e julgar, que dispensam a experiência sensível. Não precisando então dos dados sensíveis para ter o conhecimento de sua natureza, fica claro que o conhecimento da natureza imaterial do intelecto não se origina nas percepções sensíveis, tendo em vista que ele tem a capacidade de realizar o ato cognoscível por si só, sem a necessidade de ser afetado por qualquer ação física externa. Em consequência nem todo conhecimento depende da percepção sensível do objeto, isto é, a origem dos conhecimentos adquiridos pelo espírito não está na percepção sensível do objeto, isto porque a percepção sensível depende dos atos cognitivos de conceber e julgar, que por sua vez dependem das noções primitivas.

3. CONHECIMENTO DO “EU”

Para argumentar sobre essas ideias Descartes retoma na Segunda Meditação o argumento da dúvida apresentado na Meditação anterior. Segue o mesmo processo de incertezas e descrenças e convencendo-se “... de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns; não me persuadi também, por tanto, de que não existia?” (Descartes, 1973, p. 100) Descartes para não se enganar nas suas pretensões de apresentar uma nova forma no entendimento das crenças consideradas como verdadeiras, se apropria do método usado na Meditação anterior, um método que põe em suspensão tudo o quanto existia e, toda e qualquer crença que até ali tinha como verdadeira. Neste método, onde fosse encontrado algum ponto de dúvida era motivo para ser considerado como falso ou duvidoso; que toda e qualquer crença considerada por ele verdadeira, se nela fosse encontrado qualquer ponto de dúvida, ou se nela houvesse algo que lhe desse alguma incerteza, poderia ser rejeitada, então tudo que não lhe dava

uma certeza clara e indubitável era motivo para ser deixado em segundo plano. Este método conhecido como o “método da dúvida” permitiu que o pesquisador pusesse em dúvida toda e qualquer crença, verdade ou conhecimento que pudesse existir em si ou fora de si, dando-lhe uma segurança ao afirmar ou refutar aquilo que tinha como certo e verdadeiro.

Partindo do fato que se pensa Descartes infere “*eu sou eu existo*”; apresenta a existência de um “eu”, chega-se ao fato de que se existe, Descartes conclui:

[...] cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito.
(Descartes, 1973, p. 100)

Para pensar, é preciso existir, ou seja, existir é uma condição necessária para pensar. Para chegar a esta máxima “eu sou, eu existo”, tem como hipótese a existência de alguém com poderes capazes de lhe enganar, e isto comprova a sua proposição, pois se existisse alguém com a proposta de enganar é sinal que alguma coisa está sujeita ao engano. “Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa.” (Descartes, 1973, p. 100) Com a hipótese da existência de um poderoso gênio controlador de seus pensamentos e com capacidade de fazê-lo acreditar que tudo era falso, Descartes crê que, para ser enganado pelo gênio, precisa haver um meio de engano, a saber, o pensamento, e, se há o pensamento, é preciso haver alguém que pense, ele próprio, isto é, se este gênio maligno quisesse levá-lo ao engano, precisaria existir alguma coisa para ser enganado, no caso o pensamento; se existia um pensamento, seria necessário existir alguém que pensasse, neste caso o “eu”; assim o gênio deveria produzir pensamentos em Descartes e, sobre a existência deste “eu”, sujeito destes pensamentos, “... o gênio não poderia enganá-lo.” (Sorell, 2004, p. 66)

Esta máxima, porém, neste instante não é a inovação de Descartes, pois outros pensadores da tradição assim também se manifestaram em relação à existência do espírito ou do “eu”, como, por exemplo, Aristóteles que se manifesta dizendo “Percebemos que percebemos e compreendemos que compreendemos e, porque percebemos isso, compreendemos que existimos”. *Ética Nicomaqueia*, 1170^a30 (apud Rocha, 2008, p.41), ou como São Tomás que afirma:

Pensar que algo não existe é dar assentimento ao que é assim concebido (não existindo). Nesse sentido, ninguém pode assentir ao pensamento de que não existe. Pois, ao pensar algo, ele percebe que ele existe. *De Veritate*, Q.10, A. 12 ad 7 (apud Rocha, 2008, p.40)

A questão de Descartes conforme o título da Meditação, é esclarecer a natureza do espírito, ou seja, “... uma explicação da natureza não de um indivíduo, mas da mente humana”, (Gombay, 2009, p.65) e como o espírito pode ser reconhecido mais facilmente que o corpo. Que sou; o que sou eu; são pontos que Descartes no decorrer da Meditação vai procurar esclarecer, identificando as possíveis propriedades existentes no “eu”.

Assim, ao inferir a existência do “eu” a partir do ato de pensar, Descartes acompanhava a mesma idéia dos autores da tradição e, ao que parece qualquer pensador da tradição o podia fazer a partir do ato de pensar. Mas o fato de conceber a existência do seu ser, como uma pressuposição necessária do ato de pensar, não deixa claro o que está por sua vez pressuposto no conhecimento dessa existência. Descartes vai dizer que está pressuposto que esse “eu” é uma substância imaterial sem qualquer indício de substância corpórea.

Por substância diz Descartes, (*Principia*, I. 51) – *nihil aliud intelligere possumus, quam rem quae ita existit, ut nulla alia re indigeat ad existendum*. A substância, define-se, pois pela independência: ser substância é não necessitar de outra coisa para existir; trata-se de uma determinação negativa, que não nos diz o que é ser substância positivamente. (Marias, 19uu, p. 222)

Descartes dedica uma boa parte da Segunda Meditação para mostrar ser esta a natureza imaterial e incorpórea do *eu*. Nessa leitura, Ethel Rocha entende que as explicações de Descartes sobre essa natureza substancial irão, “... esclarecer o modo do conhecimento do intelecto.” (Rocha, 2008, p.41)

4. A NATUREZA IMATERIAL DO “EU”

“A argumentação cartesiana que se segue visa mostrar que por essa inferência só a existência de um intelecto puro pode ser extraída. E isso envolve mostrar que a alma é puro pensamento”. (Rocha, 2008, p.42)

Para entender melhor a natureza do “eu”, Descartes irá considerar as características das crenças¹ que tinha como verdadeiras e verificar se elas podem ser consideradas como parte deste “eu” descoberto, uma vez, que a descoberta do *eu* em si não indica o estado de sua natureza.

Descartes procura agora descobrir o que é; “... o que sou, eu que estou certo de que sou;” (Descartes, 1973, p.100) agora procurar saber quem ele é uma vez que tem certeza de ser um ser existente. Desta forma Descartes inicia uma análise sobre o que pode ser além daquilo que já sabe que existe. Preocupado em não se enganar nas suas próximas reflexões, toma o maior cuidado para não confundir o que pensava que era com aquilo que está pressuposto, pois, as crenças que tinha anteriormente sobre a sua existência em nada contribuem para o novo entendimento da existência de si. As questões que a tradição tinha como verdades, não podiam ser consideradas na nova pesquisa, uma vez que as proposições de Descartes para a nova idéia de existência do “eu” eram contrárias as idéias da tradição.

1) *Eis por que considerarei de novo o que acreditava ser, antes de me empenhar nestes últimos pensamentos; ... cairíamos insensivelmente numa infinidade de outras mais...,”* (Descartes, 1973, p.100)

Nesta nova forma de ver a sua existência, ou a de ter descoberto que no homem, além da matéria *res extensa*, existe uma coisa que subsiste ao corpo, uma coisa que não necessita de um corpo material, isto é, "... uma entidade que existe por si mesma e que pode existir sem o corpo." (Broughton, Carriero & cols, 2004, p. 365)

No parágrafo seis relaciona todas as características que considerava ser verdadeiras antes de conceber a existência do *eu*. Nessas considerações Descartes questiona: "... o que sou, eu que estou certo que sou. (Descartes, 1973, p.100) Em primeiro lugar, confronta o "eu" com a concepção tradicional que acreditava ser, ou seja, "... um homem. Mas que é um homem? Direi que é um ser racional? ... e assim, de uma só questão cairíamos insensivelmente numa infinidade de outras mais difíceis e embaraçosas... ". (Descartes, 1973, p.100)

Assim Descartes, ao procurar apresentar razões que o levassem a exprimir a noção de homem, pretende usar somente os pensamentos que emergiam do eu, isto é, deste que não pode negar, sujeito dos seus próprios pensamentos. Faz uso simplesmente de seus pensamentos no qual considerava como sendo parte da natureza do espírito. Verifica então que não tem argumentos suficientes para designar o "eu" como um homem.

Em segundo lugar, ele admitia que fosse provido de um corpo, que tinha mãos, rosto, braços e toda uma estrutura composta de ossos e carne; que se alimentava, caminhava, sentia e pensava, e relacionava todas essas ações à alma; mas, o que é uma alma? "algo extremamente raro e sutil, como um vento, uma flama ou um ar muito tênue". (Descartes, 1973, p.101) Assim por corpo Descartes entende:

[...] tudo que pode ser limitado por alguma figura; que pode ser compreendido em qualquer lugar e preencher um espaço de tal sorte que todo outro corpo dele seja excluído; que pode ser sentido ou pelo tato, ou pela visão, ou pela audição, ou pelo olfato; que pode ser movido de muitas maneiras, não por si mesmo, mas por algo alheio pelo qual seja tocado e do qual receba a impressão. (Descartes, 1973, p.101)

Tal como foi definida a natureza do corpo no parágrafo seis, podemos afirmar que na natureza desse *eu* descoberto no argumento do *cogito* não há nada de corpóreo. No entanto, estas argumentações não satisfizeram o questionamento de Descartes, pois, ele não conseguiu conceber que no corpo existencial pudesse haver poderes que fizesse com que o mesmo viesse a se mover, sentir e pensar. Apresentando então razões suficientes para não considerar como corpórea essa natureza e seguir em frente em sua investigação sobre a natureza do *eu*, Descartes faz essa assertiva:

Posso estar certo de possuir a menor de todas as coisas que atribuí há pouco à natureza corpórea? Detenho-me em pensar nisto com atenção, passo e repasso todas essas coisas em meu espírito, e não encontro nenhuma que possa dizer que exista em mim. (Descartes, 1973, p. 101)

Com este argumento Descartes refuta qualquer possibilidade de que o eu tenha em si alguma coisa de material ou corpórea, ficando assim suposto que a imaterialidade é uma propriedade da natureza do espírito. Descartes esclarece que as propriedades do corpo em geral não tem possibilidade de fazer parte da composição do *eu*, como afirma nos Princípios I, 53:

[...] a extensão em comprimento, largura e profundidade constitui a natureza da substância corpórea, e o pensamento constitui a natureza da substância pensante.

Assim Descartes descobre que sua natureza é ser uma coisa pensante, isto é, “... uma substância completa imaterial, cujo atributo essencial é pensar. A alma é, portanto, inteiramente intelecto, pensamento, razão”; (Rocha, 2008, p.46) um espírito, um entendimento, “... e uma de suas operações: o pensar.” (Broughton, Carriero & cols. 2011, p.186) Demonstrada então a sua natureza pensante, Descartes reafirma ser uma coisa existente, pois, para pensar precisa existir, e desta forma se classifica como sendo uma única coisa, um ser pensante que existe e que pensa. “Passamos, pois, aos atributos da alma... Um outro é pensar; e verifico aqui que o pensamento é um atributo que me pertence; só ele não pode ser separado de mim.” (Descartes, 1973, p.101)

Compreendendo então que não podia deixar de existir, pois, para pensar era necessário existir alguma coisa que se pensa, e o ato de pensar comprova a sua existência, pois não podendo deixar de pensar também não podia deixar de existir, e mesmo que não tivesse corpo algum, mesmo que estivesse sobre o engano, não podia supor que não existia, pelo simples fato de estar pensando. Que tudo o mais não seja verdade, não pode negar a sua existência e, “... verifico que não deixo de estar seguro de que sou alguma coisa.” (Descartes, 1973, p.102) Considerando que para existir um atributo ou essência, no caso o pensamento, este deve depender de alguma coisa, e visto que;

“... o nada não tem quaisquer atributos, isto é, quaisquer propriedades ou qualidades. Com efeito, pelo fato de percebermos que algum atributo esta presente, concluimos que alguma coisa existente, ou uma substância, à qual pode ser atribuído...” (Princípios, 52)

René Descartes então compreende que para o pensamento, um atributo ou essência existir, ele admite que seja;

[...] uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de lugar algum, nem depende de qualquer coisa material. De sorte que esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo... (Discurso do Método, 4ª parte – Os Pensadores, Abril Cultural, 1º Ed. 1973, p. 55)

E desse momento em diante surge à grande mudança na teoria de Descartes.

A partir deste momento o ser “*espírito*” que era considerado pela tradição como uma coisa divina, sem um conhecimento que pudesse satisfazer os saberes dos pensadores da época, agora passa a ser uma coisa contendo em si a capacidade de pensar. Descartado a possibilidade de ser um corpo material, e que a alma tenha em si algo de físico e ter,

2 – O termo inglês, *mind*, pode ser traduzido por “*espírito*” ou por “*mente*”. O primeiro conserva-se mais próximo do francês “*esprit*”. Utilizamos espírito e mente quase como sinônimos, com a diferença que mente se refere mais ao intelecto físico, existente, e espírito à matéria espiritual, ou alma. (N.T.) (Sorell, 2011, Item 58)

“... descrito o pensar como sendo a atividade de “um espírito, um entendimento ou uma razão”,² Descartes começa a preocupar-se com o conhecimento de si. Agora que sabe o que é, “Ora, sei já certamente que eu sou...: excitarei a minha imaginação para conhecer mais distintamente o que sou”, (Descartes, 1973, p.102) o meditador repensa os diversos modos de ser do espírito, e reconhece que por mais que imagine o que seja, nada encontra em si a não ser o simples ato de pensar. Reconhece então que *pensar* é uma atividade que o espírito ou o “eu” concebe sem ter a necessidade da concepção de um corpo. Esta afirmação feita por Descartes é a descoberta da segunda verdade encontrada pelo cartesiano em sua meditação; a natureza do “eu” ou do espírito é considerada por ele como um, “... puro pensamento exclusivo de todo elemento corporal”, (Descartes, 1973, p.103) ou seja, “... a alma é portanto, inteiramente intelecto, pensamento, e razão. (Rocha, 2008, p. 46) Mas o que é o pensamento? O que é uma coisa que pensa? “É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que não quer e também que imagina e que sente”. (Descartes, 1973, p. 103)

Esses modos de ser da alma confirmam que para ter certos tipos de pensamentos não é necessária a presença de algo sensível para que ela possa fazer a sua inspeção, e isto mostra que na alma existe outro tipo de faculdade cognitiva – “puramente intelectual” ou “... inspeção puramente mental” – pela qual pode conhecer as coisas. (Broughton, Carriero & cols. 2011, p.194) Quando Descartes diz que é ele quem duvida, que quer, que nega, ou que afirma, ele está considerando que em seu pensamento a algo mais do que um simples imaginar, ou pensar. Nesta análise que faz ele introduz na Meditação a possibilidade do espírito pôr em prática a operação exclusiva da alma, isto é, exercer as suas atividades intelectuais que, “... estão na mente, e não no cérebro;” (Broughton, Carriero & cols. 2011, p.189)

5. DO INTELECTO

No que concerne ao conhecimento da existência de si o “eu” ou intelecto não precisa de nenhum dado sensível para se reconhecer. O que

Descartes constatou foi a presença do pensamento, um atributo essencial para identificação do intelecto. Sabendo então que é uma coisa pensante, Descartes segue sua pesquisa para saber quem é; sabe que existe, mas este conhecimento de si, da existência do “eu” não lhe diz o que seja, pois, este conhecimento só é possível através da reflexão do pensamento sem ser afetado por qualquer ação corpórea, e só lhe diz que é um “eu”, uma individualidade que existe, nada lhe informando sobre sua estrutura, a não ser que é uma coisa que pensante.

Dissemos no início deste trabalho que René Descartes quando da apresentação de sua teoria concebeu uma nova concepção no entendimento do “*espírito*”. Com a descoberta do “eu”, ele introduz no conceito da alma a de um intelecto. Descartes concorda com Tomás de Aquino, quando este diz que a mente ou o intelecto é um princípio inteligente, e que a atividade intelectual deve ser executada por um ser incorpóreo. No entanto as idéias de Descartes diferem das idéias da tradição no tocante aos modos da alma. Tomás de Aquino admitia que a percepção sensível só se desse na junção mente/corpo juntamente com a nutrição, crescimento, e movimento, e que o conhecimento de sua existência só se dá pelo ato de conhecer, enquanto Descartes têm como noção de alma o princípio do pensamento, restringindo a alma à mente, negando a esta “... a responsabilidade pelas outras manifestações tradicionais da vida: nutrição, crescimento, e movimento.” (Broughton, Carriero & cols. 2011, p.365)

O espírito, a mente ou o intelecto humano, segundo Tomás de Aquino, só conhece a sua existência através do ato de perceber, pois só assim se torna atual. Para Descartes sendo a alma dotada de poderes próprios, “... uma entidade subsistente, ou seja, uma entidade que existe por si mesma e que pode existir sem o corpo”, (Broughton, Carriero & cols. 2011, p.365) e ainda que o intelecto necessite em parte dos órgãos sensoriais para realizar sua atividade intelectual, isto não quer dizer que para conhecer-se a si mesmo ele necessite da experiência sensível, pois nele existe uma capacidade intrínseca do “eu”, inata ao ser pensante.

Essa capacidade intrínseca do ser pensante são suas ideias inatas. Por ideias inatas são ditas as ideias derivadas de um ser benevolente, um ser ideal, criador de tudo, inteligência suprema, que transmite ao ser criado, noções inteligíveis independente das afecções sensíveis. Landim Filho no seu livro *Evidência e Verdade no Sistema Cartesiano* nos falam que na alma existem *noções primitivas* que sendo ideias primeiras não é necessário e nem possível justificar sua origem, pois se algo é primeiro deixa de ter origem, e por serem princípios não são passíveis de justificação. Assim Descartes concebe que a alma, ou intelecto, ao conhecer a si mesmo, não depende dos sentidos para realizar esta operação, uma vez que estando ele sempre em ato, julga a si mesmo em virtude das idéias próprias existentes na sua constituição.

Desta forma as ações intelectivas da alma não necessitam estar em contato com o sensível para serem exercidas, isto é, no intelecto existem idéias que dispensam a ação dos sentidos para o ato cognitivo, e com isso ele o “eu” conhece a si mesmo sem precisar da percepção do sensível.³ O ato de conhecer-se se dá no ato de introspecção feito pelo espírito através de sua própria capacidade de refletir, fazendo uso das informações que recebe, “...unicamente pela luz da natureza.” (Sorell, 2004, Item 76)

Portanto, segundo Descartes o corpo material neste conjunto mente/corpo não é nada mais nada menos que um objeto essencial, necessário, para que o *intelecto* agindo através de suas potências inteligíveis, intervenha neste corpo obtendo os conhecimentos necessários das coisas do mundo material. Por ser esta matéria *res extensa*, corruptível sujeita a modificações, enquanto corpo, diferente da substância do intelecto *res cogitans* responsável pelo ato cognitivo, vem a

3. No entanto apesar de existir no intelecto, idéias que são consideradas como noções primitivas, a maioria dos conhecimentos adquiridos pelo homem está sujeito a experiências sensíveis, ou seja, os conhecimentos do intelecto estão em potência, necessitando do contato com o sensível para transformarem-se em ato cognoscível, o que faz com que a alma necessite estar conjugada ao corpo material para obter os conhecimentos universais.

ser o veículo que transmite a impressão sensível ao intelecto fazendo com que o mesmo_ adquira os seus conhecimentos.

Assim conforme Descartes, o espírito, este “eu”, ou intelecto, ao se conjugar⁴ ao corpo físico, faz uso dessa substância extensa como meio para adquirir os seus conhecimentos, ou seja, “... uma parte de seus pensamentos e ideias se baseiem na operação dos órgãos dos sentidos...”.

Assim para pensar precisa existir, e esta existência é independente do corpo material, ou seja, Descartes conclui que o *eu* ou o intelecto é uma coisa que pensa, e que não necessita ter relação nenhuma com os dados sensíveis para reconhecer-se a si próprio. O “eu” então, para reconhecer-se uma coisa individual precisa apenas reconhecer que é uma substância distinta da matéria física, “ ... uma substancia da qual toda essência ou natureza consiste apenas em pensar.” (Descartes,1973, p.142) ou seja, o pensar é o atributo essencial que não pode separar-se do *eu*, sendo a única condição que atesta a existência de si. Por ser independente das coisas corpóreas para identificar-se como um ser existente com a capacidade de pensar, o “eu” infere em si a existência de uma coisa, uma coisa que pensa, isto é, a existência do intelecto, que sem ser afetado por dados sensíveis, realiza o ato de pensar por pura reflexão do espírito. O conhecimento que tem de si se realiza através de um princípio *a priori*, sem a necessidade de ter algo anterior a ele que o leve realizar esse ato, a não serem os conhecimentos inatos existentes no intelecto.

Ao considerar o intelecto uma substância inteiramente pensante, e que não depende de qualquer outra coisa, a não ser a própria ação de realizar os seus atos cognitivos, Descartes admite que o intelecto seja uma substância completa cujo atributo essencial é pensar. Tomás de Aquino diz o contrário, considera o intelecto como uma potência de agir que só se atualiza no momento do ato de conhecer, ou seja, intelecto e corpo são

4. Descartes usa esta expressão por ter certeza de ser uma coisa que pensa inteiramente distinta do corpo material que é uma coisa extensa, e sendo estas duas coisas substancias diferentes, a possibilidade de estarem ligadas são muito remotas.

complementos da estrutura de uma substância extensa, enquanto Descartes diz que o intelecto se conhece no ato de pensar.

Desta forma, porque o intelecto tem a capacidade de conhecer-se pela simples ação de pensar, Descartes acredita que no “eu” existem certas idéias, que não dependem da ação externa que fazem parte do seu ser e, embora necessite ter contato com coisas sensíveis para obter conhecimentos, alguns destes conhecimentos lhes pertence pela simples lei da natureza, ou seja, por serem os homens criação de Deus, nestes estão contidas virtudes de seu criador. “Deus proveu o espírito humano certo número de pensamentos, “simples”, os quais, dado a Sua bondade, não podem ser falsos”. (Sorell, 2004, Item 63)

Portanto há no homem tipos de pensamentos que fazem parte da constituição mental do intelecto, que quando pensados realizam operações cognitivas permitindo que o “eu” tenha o entendimento das coisas antes mesmo de qualquer interferência das coisas sensíveis. Existem certos tipos de idéias na mente que não dependem da percepção de objetos; por exemplo, a idéia da existência de um ser onisciente, eterno e infinito. Segundo Descartes,

[...] a presença na mente dessas idéias gerais não necessita de explicações por referência as causa externas: sua teoria sustenta que as idéias não são de fato separadas do poder de pensá-las, e que estariam presentes de modo inato. (Sorell, 2004. Item 89)

5.1 O PEDAÇO DE CERA

Na Segunda Meditação, após ter tratado da natureza do eu, Descartes investiga as operações do intelecto no uso do pedaço de cera para mostrar a independência do intelecto na realização de suas atividades. Por ser uma substância espiritual que não depende do corpo humano para realizar seus atos mentais, no “eu”/intelecto é possível encontrar outras capacidades intelectuais apenas fazendo uso do ato de pensar que utiliza as suas capacidades inatas, possibilitando ao intelecto exercitar as suas capacidades cognitivas.

No parágrafo nove, Descartes pergunta; que é uma coisa que pensa? “... É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer que não quer, que imagina também e que pensa.” (S.M, 1973, §9) Observa porém que estes pensamentos não derivam das coisas sensíveis, e mesmo que estes pensamentos não pertencessem à sua natureza não poderiam deixar de ser seus. Portanto Descartes não deixa de crer que esses pensamentos sejam seus, uma vez que é ele:

[...] quem duvida, quem entende e quem deseja... e “...também certamente o poder de imaginar; pois, ainda que possa ocorrer (como supus anteriormente) que as coisas que imagino não sejam verdadeiras, este poder de imaginar não deixa, no entanto, de existir realmente em mim e faz parte do meu pensamento. (Descartes, 1973, p.103)

Dessa forma além de crer na sua existência, de saber que é uma coisa pensante, que nega, que afirma e que duvida, Descartes também acredita que no “eu” ser pensante, não só existe a capacidade de pensar e de imaginar, mas outras além destas duas faculdades que não são de origens sensitivas. Reconhece que é capaz de ter outras idéias;

[..]. não posso impedir de crer que as coisas corpóreas, cujas imagens se formam pelo meu pensamento, e que se apresentam aos sentidos, sejam mais distintamente conhecidas do que essa não sei que parte de mim mesmo que não se apresenta a imaginação:... (Descartes, 1973, p.103)

Com esse raciocínio Descartes vai procurar mostrar que no intelecto existem idéias que surgem sem ter o auxílio de dados sensíveis. Então com o auxílio do pedaço de cera, vai investigar as possíveis faculdades que possam pertencer ao ser pensante, o “eu”. Propõe analisar os corpos em suas diversas formas, e cita como exemplo o pedaço de cera que se modifica após ser aproximado do fogo; perde todas as características de origem, e após ter sido percebido pelo intelecto, este julga que o objeto é o mesmo.

Tendo então como exemplo o pedaço de cera que quando percebido, apresenta-se um objeto com diversas características perceptíveis, cheiro, sabor, e cor, uma figura, uma grandeza, e se for

tocado representa uma coisa dura e fria, e se batido tem com som de algo oco, quando aproximamos do fogo perde todas as propriedades anteriores tornando-se algo extenso, flexível e mutável. Descartes então pergunta se a mesma cera permanece após essa modificação? Ele diz que sim, “Cumpro confessar que permanece: e ninguém o pode negar”, (Descartes, 1973, p. 104) mas acrescenta que tudo o que viu com distinção através dos sentidos após a modificação, nada mais permanece, e tudo o que foi percebido agora se encontra mudado, no entanto, a mesma cera permanece. Assim o objetivo de Descartes não é obter o conhecimento dos objetos em geral, mas sim, procurar mostrar a capacidade que o intelecto tem de obter conhecimentos através da atividade mental, abstraído daquilo que percebe;

Mas o que é de notar é que sua percepção, ou a ação pela qual é percebida, não é uma visão, nem um tatear, nem uma imaginação, e jamais o foi, embora assim o parecesse anteriormente, mas somente uma inspeção do espírito, que pode ser imperfeita e confusa, como era antes, ou clara e distinta, como é presentemente conforme minha atenção se dirija mais ou menos às coisas que existem nela e das quais é composta. (Descartes, 1973, p.105)

Neste sentido a ideia de Descartes ao apresentar o pedaço de cera como exemplo é mostrar que as impressões sensíveis apresentadas não são o suficiente para dar todas as informações necessárias para qualificar o objeto. Para identificar o pedaço de cera é preciso que o intelecto faça uso de suas capacidades intelectuais executando o ato cognitivo, sem sofrer qualquer percepção sensível, mas sim pelo simples ato de julgar. Assim o conhecimento do pedaço de cera se dá parcialmente a priori, tendo em vista que no intelecto existe uma capacidade inata, que permite que ele realize o ato de conceber e julgar sem que haja há necessidade da presença do objeto. Segue-se então que este ato de conhecer realizado pelo intelecto, por não precisar do objeto sensível, é “um conhecimento a priori.” (Rocha, 2008, p. 49)

Com estas argumentações Descartes mostra que no intelecto existem capacidades de conceber as coisas através do ato julgar as afecções sensíveis por meio de ideias inatas. No entanto Descartes pergunta como é possível se ter esse juízo do pedaço de cera, se após as

transformações sofridas se tem a ideia de uma coisa extensa, flexível e mutável, e nada do que foi percebido vem agora a ser sentido. Após ter concebido a nova forma do objeto, Descartes considera que o pedaço de cera percebido anteriormente não deixa de ser um simples corpo que no momento adquirira uma forma, mas que por ser um objeto material está sujeito a adquirir outras formas. Deste modo René Descartes reconhece que ser extenso qualquer corpo pode chegar a esta forma, mas ser flexível e mutável não é característica apresentada nos sentidos e a imaginação não pode percorrer:

[...] posto que a concebo capaz de receber uma infinidade de modificações similares e eu não poderia, no entanto, percorrer essas infinitudes com minha imaginação e, por conseguinte, essa concepção que tenho da cera não se realiza através da minha faculdade de imaginar. (Descartes, 1973- p.104)

Constatando que o pedaço de cera continua o mesmo, Descartes procura mostrar o que resta do objeto, ou seja, as características do pedaço de cera após ter sofrido modificações apresentava-se como uma coisa extensa, flexível e mutável. Essas modificações percebidas, a forma e as propriedades, não estão presentes no objeto após as modificações, muito menos na sua imaginação, pois, a imaginação lhe proporciona uma infinidade de modificações, e o espírito não possui esta capacidade de conceber esta infinitude. Visto então reconhecer, que a sua imaginação não tem esta capacidade ele diz: “Certamente não, não é isso, posto que a concebo capaz de receber uma infinidade de modificações similares e eu não poderia, no entanto, percorrer essa infinidade com minha imaginação”. (Descartes, 1973, p. 104) Assim para conceber o pedaço de cera, como algo extenso, flexível e mutável, só é possível poder fazer, não através do dados sensíveis e nem pela realização do ato de imaginar, mas sim só o pode conceber pelo entendimento, isto é, pela inspeção do espírito, “... a ação pelo qual é percebida, não é uma visão, nem um tatear, nem uma imaginação, e jamais o foi, embora assim o parecesse anteriormente, mas somente uma inspeção do espírito...” (Descartes, 1973, p.105)

Com estas argumentações Descartes mostra que para poder conceber tanto quanto para julgar o pedaço de cera, mesmo que seja através da experiência sensível ou pelo ato de abstração, o objeto só se torna conhecido se esta operação for feita por um ato do espírito humano, isto é, o intelecto fazendo uso de suas capacidades de conceber e julgar ao entrar em contato com o objeto se apropria das características deste e na realização do ato cognitivo o espírito, ao ser afetado pelas coisas sensíveis julga que vê o objeto, enquanto usando do mesmo processo de abstração, concebe o objeto sem a interferência do sensível, somente pelo poder de julgar que existe no espírito. Assim no intelecto existem os atos de conceber e julgar que estão conjugados ao ato de perceber.

Assim o pedaço de cera é o mesmo, mas não se apresenta como era anteriormente, e com isso Descartes conclui que o juízo que se faz dos objetos não é feito pelas características da sensibilidade, mas por uma inspeção do espírito, pelo puro entendimento da razão. “É preciso, pois, que eu concorde que não poderia mesmo conceber pela imaginação o que é essa cera e que somente meu entendimento é quem o concebe;” (Descartes, 1973, p. 104)

Neste processo cognitivo, Descartes se dá conta que esses modos de ser do objeto, que ele continua sendo o mesmo pedaço de cera após a transformação, não lhe são dados por alguma intervenção externa, e percebe que esses conceitos são seus, fazem parte de seu intelecto sem que este esteja afetado por dados sensíveis. Descartes conclui que o juízo que se faz do objeto não é feito pelas características da sensibilidade, mas pelo puro entendimento da razão, ou seja, o intelecto consegue conceber a identificação das particularidades do objeto através da inspeção do espírito que tem a capacidade de - conceber e julgar - o que possibilita fazer juízos dos objetos sem ter a dependência da experiência sensível.

“... só concebemos os corpos pela faculdade de entender em nós existentes e não pela imaginação nem pelos sentidos, e que não os conhecemos pelo fato de os ver ou de tocá-los, mas somente por os conceber pelo pensamento...”, (Descartes, 1973. P. 106)

Tom Sorell em seu livro Descartes vai dizer que:

Deus proveu o espírito humano com certo número pensamentos – simples - os quais, dadas sua bondade, não podem ser falsos. Entre esses pensamentos estão todos os necessários para um correto entendimento da matéria, isto é, para uma física correta” (Sorell, 2004, Item 63)

ou seja, os objetos se dão a conhecer através do ato cognitivo do intelecto de conceber e julgar, que independem de experiências sensíveis, mas apenas dos princípios racionais.

Descartes esclarece que devido as deficiências existentes no espírito este se engana e comete erros, e às vezes, confunde as coisas pelo modo de expressar o seu juízo pelas palavras. Quando concorda que o pedaço de cera é o mesmo percebido pelos sentidos, não está afirmando isto baseado nas primeiras impressões físicas recebidas, mas sim, está julgando que seja o mesmo pedaço de cera assim como crê que vê homens e o que na realidade o que vê são, “... chapéus e casacos que podem cobrir espectros ou homens fictícios que se movem apenas por molas...,” (Descartes, 1973, p. 105) e julgamos que enxergamos homens, não por aquilo que acreditava ter visto pela percepção dos sentido, mas sim pelo poder que existi no espírito de poder e julgar.

Assim como o intelecto julga conhecer o pedaço de cera pelo entendimento que tem de perceber os objetos pelo ato de conceber juntamente com o ato de julgar, o intelecto também conhece a si pelos mesmos processos cognitivos usados para conhecer os objetos particulares, pois, se ele tem a capacidade de julgar o pedaço de cera porque o vê, com muita maior razão pode julgar com mais distinção, e conceber a si mesmo pelo fato de estar vendo. Contendo pois, o intelecto a capacidade de conceber e julgar um objeto particular, Descartes lembra que esse poder que o intelecto possui está contido nas idéias inatas existente no seu ser; são faculdades cognitivas que independem de experiências sensíveis para realizar os seus atos cognitivos, ou seja, de conceber e julgar.

Deste modo conclui-se que apesar de necessitar do corpo material para poder se manifestar, e de sentir através dele as afecções sensíveis

para adquirir o conhecimento dos objetos particulares e realizar seus atos cognoscíveis, fica claro que o intelecto precisamente não necessita das percepções sensíveis para pôr em prática o seu ato de conceber e julgar, pois este ato mental é realizado sob a orientação das noções primitivas existentes em si, que lhe autoriza a agir independente de qualquer ação sensível.

Assim, o ato de julgar que vejo homens em vez de dizer que vejo chapéus e casacos que podem cobrir espectros de homens, está contido na capacidade que tem o intelecto de perceber objetos particulares pela capacidade dos atos de conceber e julgar: “julgo que são homens verdadeiros e assim compreendo, somente pelo poder de julgar que reside em meu espírito, aquilo que acreditava ver com meus olhos”. (Descartes, 1973, p.105)

Da mesma forma o “*eu*” para ser concebido e julgado não precisa do corpo material para que seja conhecido. Com isso fica refutada a necessidade de algo sensível influenciando os atos do intelecto para que este tenha noção dos atos cognoscíveis; estes são atos realizados por pensamentos simples, necessários para o entendimento da matéria, pensamentos inatos que fazem parte da constituição do intelecto.

6. AS FACULDADES DO “EU”

Descartes após ter verificado que não era aquilo que acreditava ser, em concordância com “... os pensamentos que anteriormente nasciam por si mesmos em meu espírito⁵ e que eram inspirados apenas por minha natureza, quando me aplicava à consideração de meu ser.”, (Descartes, 1973, p. 101) considerava-se um homem, animal racional, e que tinha um corpo e uma alma com características de ser algo raro e sutil como um vento.

5 – Aqui Descartes trata o *eu* como “espírito”, em consideração ao tratamento que era dado a este “eu” na época. Este significado era aceito e Descartes não quis modificar esta significação. (Descartes, quinta objeções, n°508, P. 192)

Pergunta-se, *o que sou eu*, e relembra todas as características possíveis a ser encontradas em um corpo e verifica que estas não fazem parte de seu espírito. Analisa os atributos da alma, e percebe também que as características corpóreas não fazem parte desta alma, a não ser o atributo de *pensar*. Só este "... atributo que me pertence; só ele não pode ser separado de mim." (Descartes, 1973, p.102)

Descartes também tentou imaginar ser alguma coisa, mas imaginar é ter a ideia de algo, algo corporal, coisa que ela já havia comprovado que não podia ser. Reconhece que a imaginação não lhe dá nenhuma noção daquilo que considera ser, ou seja, um ser pensante.

Nesta procura de querer saber quem é, Descartes recolhe-se, isto é, realiza uma introspecção do espírito para tentar compreender a sua natureza. Verifica que tem a faculdade de pensar com a capacidade de duvidar, de negar, que quer, de imaginar e de sentir, mas percebe que estas funções não lhe foram dadas por alguma coisa, ou por algum objeto; considera que estas funções não podem deixar de lhe pertencer, visto, pois que é ele que está pensando, e isto ele não pode duvidar.

Considerando então, essas diversas atividades exercidas pelo espírito, Descartes admite que nele existam outras capacidades que ainda não foram exercidas, e que todas essas funções quando em atividades o fazem através do pensamento. Será necessário então procurar no pensamento como ele exerce estas funções, pois, se para realizar estas atividades ele o faz de forma independente. Descartes então nos diz que:

[...] não me posso impedir de crer que as coisas corpóreas, cujas imagens se formam pelo meu pensamento, e que se apresentam aos meus sentidos, sejam mais distintamente conhecidas do que essa não sei que parte de mim mesmo que não se apresenta a imaginação. (Descartes, 1973, p.103)

Para entender as imagens formadas pelo pensamento René Descartes busca auxílio na capacidade do espírito dando-lhe maior liberdade em poder exercer alguma outra atividade, como ele nos diz: (Soltemos-lhe, pois, ainda uma vez. As rédeas a fim de que, vindo, em seguida, a libertar-se delas suave e oportunamente...) (Descartes, 1973, p. 104)

Assim para que o espírito/intelecto exerça outras atividades que não aquelas já apresentadas tal como o *pensar*. Descartes faz uso do pedaço de cera e de suas modificações, possibilitando que o intelecto fazendo uso de suas capacidades cognitivas venha exercer e demonstrar aquilo que pode realizar. Com essa experiência Descartes procura descobrir quais são as capacidades possíveis que existe no “eu”, intelecto, pois, sendo intelecto uma substância, que tem como natureza o pensar, por ser uma substância pensante, nela está contida somente uma faculdade: a faculdade de pensar. “... é a partir de um atributo, não importa qual, que uma substância é conhecida, mas uma só, no entanto, a propriedade principal de cada substância, a qual constitui a natureza e a essência da mesma e à qual todas as outras são referidas.” (Princípios 53, 2002,) As outras atividades intelectuais do “eu” são modos de pensar do espírito, ou seja, as diferentes capacidades exercidas pelo espírito; “Esses atos, presume-se, não podem ser distinguido do pensamento porque são maneiras de pensar, são modos do pensamento;” (Broughton, Carriero & 2009, p. 225) Desse modo o “eu” ao exercer as suas atividades pode: 1) *imaginar*; por imaginar Descartes considera a capacidade que o intelecto tem de “... simplesmente contemplar a figura ou imagem” das coisas corpóreas... ” (Broughton, Carriero & cols, 2009, p.225) *refletir*, é a capacidade do intelecto em ter idéias de alguma coisa sem ter a presença do objeto pensado, ou seja, refletir é quando “...a mente reflete sobre si mesma sem empregar imagens de coisas corpóreas, descobre que é capaz de vários atos, tais como duvidar, conceber, afirmar, negar, querer, imaginar e sentir.” (Broughton, Carriero & cols, 2009, p. 225); *sensação*, são atividades do intelecto, quando este está conjugado ao corpo, isto é, esse tipo de pensamento só é pensado quando o espírito esta ligado ao corpo; *percepção*, é a capacidade do espírito em apreender uma representação e transformar esta representação em uma ideia ou pensamento. “Descartes sustenta que pensamentos são instâncias da percepção imediata ou apreensão de uma representação, uma percepção ou apreensão pela qual nos tornamos consciente do pensamento.” (Broughton, Carriero & cols, 2009, p. 191) *conceber e julgar*, são operações

cognitivas conjuntas do intelecto que realiza no ato do pensamento que independe das funções sensíveis, isto é, uma atividade reflexiva do intelecto que quando em atividade faz uso da “... sua capacidade inata de agir – conceber certa noções e princípios básicos e, a partir dessas noções e princípios julgar” (Rocha, 2008, p.39)

Desta forma ao inserir o exemplo do pedaço de cera no conteúdo de sua teoria, Descartes busca complementar o conhecimento do “eu”. O que Descartes estava se propondo era mostrar as possíveis capacidades intelectuais existentes no espírito ou no “eu”, pela simples inspeção do espírito. Usa como exemplo as características do objeto do pedaço de cera em suas diversas formas e propriedades para mostrar que não são os sentidos que fornecem ao homem a identificação das coisas sensíveis, e sim a capacidade que o intelecto tem, de conceber e julgar os objetos dados através do processo cognitivo que o *eu* é capaz de realizar. Com isso apresenta um “eu” como sendo uma coisa inteligente, um intelecto com a faculdade de ter juízos.

Portanto, se para conhecer o intelecto não precisa entrar em contato com as coisas sensíveis, apesar de serem elas as origens de nosso conhecimento, supõem-se que suas operações são realizadas por uma ação independente, própria do espírito, pelo simples poder do ato de pensar, ou seja, o conhecimento da natureza da mente se dá a *priori* em virtude de ter o intelecto à capacidade de conhecer sem a necessidade de estar sendo afetado por objetos sensíveis.

Assim Descartes usa o pedaço de cera como exemplo para mostrar que o “eu” ou o espírito é um intelecto com capacidade de identificar as coisas materiais, quando as percebe, pois, ao ser o intelecto afetado pelas propriedades sensíveis julga o que o objeto é, e de como ele pode ser conhecido, em razão do ato cognitivo que o intelecto é capaz de realizar. Descartes admite que até possa se equivocar em seu juízo quando distingui as formas exteriores do pedaço de cera, mas não consegue conceber estas operações cognitivas se não for através de um espírito humano, (DESCARTES, 1973, p. 105) ou seja, de um intelecto. Com esse

argumento Descartes refuta a idéia da tradição segundo a qual o intelecto para ter conhecimento de sua natureza depende das experiências sensíveis.

Fica claro, então, que o objetivo de Descartes ao propor o título de sua Meditação, “Da Natureza do Espírito; e de como Ele é Mais Fácil de Conhecer do que o Corpo” é a de mostrar que o Espírito ou o “eu” é uma coisa existente com a capacidade de pensar, e que tem a mesma identidade de um Intelecto, sendo capaz de conhecer-se a si mesmo e de conhecer qualquer corpo em particular, através do ato de cognição. Tendo o pedaço de cera como exemplo procura mostrar que, assim como pode conceber o objeto com tanta distinção e certeza, e julgar que ela é e existe, por que não poderia também conceber a sua própria existência com mais evidência, se é ele que julga e vê a cera? Julga que vê a cera, mas também pode ocorrer que não veja nada, mas não pode negar que “... quando vejo ou (coisa que não mais distingo) quando penso ver, que eu, que penso não seja alguma coisa.” (Descartes, 1973, p. 106)

Ainda tomando como exemplo o argumento do pedaço de cera, além de mostrar as possíveis faculdades cognitivas existentes no espírito, e de como elas agem no processo de conhecimento das coisas do mundo, Descartes procura esclarecer como se pode obter o conhecimento do “eu” ou intelecto, confirmando a sua independência espiritual, não necessitando dos dados sensíveis para realizar as suas operações cognitivas, usando apenas as suas capacidades de conceber e julgar, “atos que, por sua vez, dependem apenas da atualização de noções primárias e da capacidade inata de fazer inferências”. (Rocha, 2008, pag. 59)

7. A INFLUÊNCIA SOBRE O HOMEM MODERNO

Descartes ao divulgar o seu trabalho não desejava que as idéias ali contidas fossem entendidas na primeira leitura, mas sim tinha como objetivo fazer o leitor acompanhá-lo no seu raciocínio, e refletir sobre o conteúdo da meditação, fazendo deste modo que a cada passo conquistado, viesse a pensar sobre o problema e mudar a maneira de

entender as questões propostas, mudando assim como Heráclito diz: “a água do rio nunca é a mesma depois de ser tocada”, ou seja, o homem cognitivamente nunca é o mesmo a cada segundo que passa, muda o seu critério de juízo constantemente após cada reflexão sobre as idéias das meditações.

Descartes usa o argumento que antes de tentar conhecer as coisas físicas temos que admitir a existência de DEUS, ou seja, o conhecimento de nós mesmos, do *espírito*.

As idéias de Descartes são tão complexas como importantes, que tem causado grandes discussões e debates em torno de sua teoria, e isto são razões suficientes para que o homem moderno não deixe de se interessar em desvendar a complexidade dessa tese. O homem se não procurar saber o que realmente seja, com que autoridade poderá ele responder outras coisas se ainda não conhece a si mesmo; isto não quer dizer que não tenha capacidade para disseminar muitas ciências, mas seu conhecimento estará incompleto, não tendo conhecimento do seu espírito ou a sua mente ou intelecto.

Portanto, se a teoria de Descartes não fosse tão importante para o homem ela teria se esvaziado no tempo, no entanto ela tem sido necessária como *principio* para que seja esclarecida a existência do ser *homem* como animal racional.

As idéias de Descartes não têm como fugir da religião, pois os conjuntos de idéias contidas nas suas Meditações tratam da evolução do ser, do conhecimento e entendimento do ser material e imaterial, e isto submete o homem a esse ser superior que tem todo o saber. Isto não quer dizer que Descartes tenha se baseado na religião para escrever sua teoria, pois, para tentar chegar às coisas verdadeiras teria que apresentá-las claras e distintamente, distinguindo-as de outras teorias e das teorias da tradição, possibilitando assim que as ideias apresentadas viessem a se tornar verdadeiras, uma vez que:

“... a mente não pode cometer erros quando faz todo o possível para evitar o erro, pois senão a mente padeceria de um defeito que

constituiria um argumento para a imperfeição de seu Criador, e seu Criador – Deus – é perfeito, sem defeitos. As idéias claras e distintas da mente devem, portanto, ser verdadeiras...” (Sorell, 2004, Item 79)

Seria muito forte querer comparar Descartes com Sócrates, mas este foi julgado e condenado pelo clero com o argumento de estar corrompendo os jovens com suas idéias, aquele tem sido alvo de grandes críticas por ter trazido uma nova concepção de vida para o espírito, como agir perante o mundo e a si mesmo.

Por ter sido acusado de ser cético Descartes afirma aos teólogos de Sorbonne que suas meditações vem auxiliar aos religiosos a terem mais fé, apesar de que as informações contida em sua tese não clarificam com certeza que “... a virtudes nesta vida fosse recompensadas na próxima.” (Sorell, 2004, Item 78) Em sua tese Descartes apresenta um Deus bem diferente do Deus da escrituras: enquanto o Deus das escrituras é um ser punitivo, vingador e juiz, o deus que Descartes apresenta é um ser cheio de sabedoria que permite que a alma do homem seja responsável por si mesmo, ou seja, é livre para fazer e investigar tudo aquilo que lhe está a seu alcance; a alma que Descartes descreve nas Meditações é uma alma consciente de si, racional, capaz de pensar e modificar a sua situação;

“A teoria da alma de Descartes é na verdade uma teoria sobre o tipo de mente que pode ter, independentemente dos sentidos, pensamentos gerais sobre a matéria e como ela pode mudar.” (Sorell, 2004, Item 79)

8. CONCLUSÃO

Com esse novo conhecimento, com esse novo entendimento do espírito “o eu”, *traz*, para muitos uma nova concepção de si mesmo; o espírito que era considerado como um ser fantasmagórico e místico, que era tratado somente nas questões religiosas, passa agora a ser visto como algo integrante do seu ser.

Esta nova forma de ver o “*eu*”, *espírito ou alma*, que Descartes apresenta, revoluciona a ideia anterior e traz para o homem uma nova maneira de tratar este ser ou o que seja ou que venha ser, não mais como uma coisa misteriosa, vaga, uma verdade revelada, mas com um

raciocínio lógico, claro e distinto possibilitando ao homem o entendimento de si mesmo. Deixa de ser um espírito ou alma com tendências teológicas para ser algo importante e imprescindível para a vida do ser.

Com esta tese, o espírito deixa de ser o ser conduzido pelos ensinamentos da igreja e passa ser o ser inteligente, a parte importante na evolução cognitiva do homem. Descartes demonstra no decorrer de seu trabalho que o espírito, que até então era visto como uma coisa secundária em relação à existência do ser humano e que o homem estava sob égide de Deus, passa a ser o objeto principal da existência do homem. Responsável pela evolução de si, e por ter uma característica pensante (*res cogitans*) é distinto do corpo humano (*res extensa*), passa a ser visto como uma substância espiritual, com diversos atributos que fazem do homem um ser racional.

A visão com que Descartes apresenta, a forma de entender o “*eu*”, *espírito ou alma*, revoluciona a ideia anterior e traz para o homem uma nova maneira de tratar este ser ou que seja o que venha ser, não mais como uma coisa misteriosa, vaga, uma verdade revelada, mas como um ser racional, que não pode se equivocar em relação a si mesmo. Deixa de ser um espírito ou alma teológica, para ser algo importante e imprescindível para a vida do ser. Com esta tese, o espírito passa ser a parte importante na evolução cognitiva do homem.

Com essa nova visão, Descartes demonstra que o corpo material do homem, o corpo humano, não passa de ser o objeto de uso do espírito. A vida corporal em si é uma constante evolução que depende do espírito, pois este novo conceito dado por Descartes, esta nova concepção de espírito, agora demonstrado através de um raciocínio lógico, faz com que o homem, o ser humano deixe de ser o centro das atenções cognitivas, não sendo mais o ser pensante, não sendo mais o ser responsável pelos seus diversos atos, mas sim um instrumento do ser pensante, do espírito que estando unido ao corpo, “...conjugado muito estreitamente de tal modo confundido e misturado, que componho com ele um único todo, (6^a M, 1973 §24) transmite a este todas as impressões para as suas atividades.

Assim, com este novo conceito de espírito como ser pensante, que tem uma individualidade, e que independe do corpo humano para existir, Descartes traz um novo olhar para a vida do ser humano, uma nova maneira de como agir em relação ao mundo. O homem toma um novo entendimento de sua existência, e sendo o corpo humano o objeto pela qual o espírito se manifesta exteriorizando a sua vontade, passa a compreender que os órgãos de seu corpo não são mais os responsáveis pelas origens de suas ações. A alma que era entendida só teologicamente agora passa a ser compreendida como o ser mais importante do conjunto homem – corpo e alma - e que sem ela que subsiste ao corpo, o ser humano não é nada mais nada menos uma simples matéria.

REFERÊNCIA

- AMEAL, João. **Filosofia e Religião, Nova Série**. Porto: 1º volume, Livraria Tavares Martins - 1961
- ALQUIÉ, Ferdinand. **A Filosofia de Descartes**. Lisboa: Ed. Presença, 1993.
- BROUGHTON, Janet. CARRIERO, JOHN. **Explorando Grandes Autores**. Porto Alegre: Ed. Penso - 2011
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Os Pensadores, Trad.: J. Guinsburg e B. Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural - 1973,
- _____ **Meditações**, Os Pensadores, Trad. J. Guinsburg e B. Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural - 1973
- _____ **Princípios da Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ - 2002
- _____ **Regras para a Direção do Espírito**. São Paulo: Ed. Martins Fontes - 2007.
- DURANT, Will - **A História da Filosofia, Os Pensadores**. Rio de Janeiro: Nova Cultura - 1996
- FORLIN, Enéas. **Teoria Cartesiana da Verdade**. Ijuí: Ed. UNIJUI - 2005
- GOMBAY, André. **Descartes**. Porto Alegre: Ed. Artmed - 2009
- LANDIM, R. Filho. **Evidência e Verdade no Sistema Cartesiano**. São Paulo. Ed. Loyola - 1982
- MARIAS, Julian, **História da Filosofia**, Porto: 2ª Ed. Edições Sousa & Almeida, Limitada - 19uu
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar - 2007
- ROCHA, Ethel. **Conhecimento do Intelecto**. Revista Discurso nº38. 2008
- SORELL, Tom. **Descartes**. São Paulo. Ed. Loyola - 2004